



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**SONS E RITMOS NA PRAÇA DE GUERRA CATOLÁICO:
Breve Análise Discursiva de Jingles Eleitorais de Catolé do Rocha-PB**

JACIARA DANTAS GEMINIANO MAIA

**Catolé do Rocha-PB
2017**

JACIARA DANTAS GEMINIANO MAIA

**SONS E RITMOS NA PRAÇA DE GUERRA CATOLAICO:
Breve Análise Discursiva de Jingles Eleitorais de Catolé do Rocha-PB**

Trabalho de conclusão do curso, apresentado ao departamento de Letras e Humanidades-CCHA/ CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciatura plena em Letras .

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mauriene Freitas da Silva

**Católé do Rocha-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M217s Maia, Jaciara Dantas Geminiano.

Sons e ritmos na praça de guerra catoláico: breve análise discursiva de jingles eleitorais de Catolé do Rocha -PB. [manuscrito] : / Jaciara Dantas Geminiano Maia. - 2017.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Mauriene Freitas da Silva , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Discurso. 2. Jingles. 3. Ideologia. 4. Análise discursiva.

21. ed. CDD 324.401

JACIARA DANTAS GEMINIANO MAIA

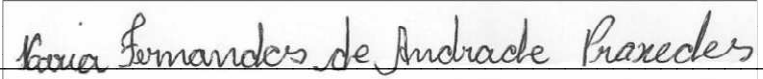
**SONS E RITMOS NA PRAÇA DE GUERRA CATOLAICO:
Breve Análise Discursiva de Jingles Eleitorais de Catolé do Rocha-PB**

BANCA EXAMINADORA


Aprovado em: 14 de dezembro de 2017.



Prof.^a Dr.^a Mauriene Freitas da Silva (Orientadora)
UEPB – CCHA/DLH



Prof.^a Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (Examinadora)
UEPB – CCHA/DLH



Prof.^a Ms. Benedita Ferreira Arnaud (Examinadora)
UEPB – CCHA/DLH

**Católé do Rocha – PB
2017**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu maravilhoso *Deus* na pessoa do seu filho *Jesus Cristo*, pela força e fé que me concedeu para atravessar os momentos de adversidade, pela dádiva de estar viva, pois este ano enfrentei uma gravidez de alto risco passando três dias na UTI na cidade de Patos-PB e pela conclusão deste curso.

Ao meu esposo *José Maia* por todo apoio e incentivo juntamente com meus filhos *Jonatas*, *Habacuque*, *Levi* e *Ana Elizabeth* que dividiram comigo as aflições e angústias para a conclusão deste curso e hoje se alegram com a minha conquista. Amo muito vocês!

A minha mãe *Cecília*, que sempre me encorajou a seguir em frente quando me sentia desanimada. Obrigada pelas orações e ajuda.

A minha sogra, *Maria Valdelice* (In Memoriam), por ter cuidado dos meus filhos para que eu assistisse às aulas presenciais.

A minha orientadora Prof.^a *Dr.^a Mauriene Freitas da Silva* que acreditou em mim e não desistiu de me orientar, mesmo quando eu estava desanimada. Quero expressar a minha gratidão pela compreensão e humanidade nos momentos difíceis que passei, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela excelente orientação.

A professora *Me Benedita Ferreira Arnaud* pela confiança que me concedeu em trabalhar no projeto de extensão “Diálogo entre a Literatura e a Música: Vivenciando Atividades Interdisciplinares”, ofertando-me a oportunidade de ser extensionista desse projeto que foi de grande valia para o meu desenvolvimento acadêmico.

Ao funcionário da UEPB e amigo *Francisco Bezerra Neto (irmão Neto)* pela atenção e prontidão em ajudar no que fosse necessário.

A Professora *Dr.^a Marisa Tayra Teruya* (In memoriam) que gentilmente me enviou suas pesquisas que contribuíram de maneira fundamental para a elaboração deste trabalho.

A minha colega *Fabrcia Ferreira*, pelas palavras de incentivo e por me apoiar.

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para realização deste trabalho. Meu muito obrigada.

RESUMO

Partindo da compreensão de que o discurso é uma ferramenta importante na comunicação, estudamos nesse trabalho o discurso, o trajeto da palavra, que quase sempre vem cercado de ideologias, valores culturais e condições sócio históricas. O presente trabalho de conclusão de curso, objetiva analisar os discursos contidos nos jingles eleitorais de candidatos a prefeito da cidade de Catolé do Rocha PB, no pleito do ano dois mil e quatro como corpus desse trabalho. Fundamentado nos embasamentos teóricos metodológicos da Análise crítica do Discurso (ACD), através dos estudos do autor Norman Fairclough (2001), (2013), que reúne em sua teoria a participação de autores como Althusser, Gramsci, Halliday entre outros. A proposta desse trabalho é apresentar como fatos históricos e sociais influenciaram na prática discursiva desses jingles, mostrar como esse gênero discursivo musical vem cercado de ideologias, cujo objetivo a ser alcançado é a persuasão do público alvo, ou seja, os eleitores para a conquista do voto. No decorrer da pesquisa foi possível verificar que os discursos contidos nos jingles traziam ao cenário atual acontecimentos do passado, fatos históricos e sociais na tentativa de abalar a imagem do candidato opositor. O presente artigo está estruturado em três tópicos: No primeiro tópico daremos ênfase as teorias da análise crítica do discurso propostas por Norman Fairclough. No segundo tópico faremos uma síntese histórica da cidade e do grupo político liderado por membros de uma mesma família que governam o município há décadas, bem como as alianças políticas e familiares para se manterem no poder. No terceiro tópico trataremos a apresentação dos jingles e a análise discursiva dos mesmos, através do aporte teórico da análise crítica do discurso de linha inglesa e contribuições de autores como Holanda (1995), Leal (2012) Manhanelli (2011) Teruya (1995) e (2000) entre outros, a fim de compreender o impacto desses discursos na sociedade.

Palavras-Chave: Discurso. Jingles. Ideologia. Persuasão.

ABSTRACT

Starting from the understanding that discourse is an important tool in communication, we study in this work the discourse, the path of the word, which is almost always surrounded by ideologies, cultural values and socio-historical conditions. The present work of course conclusion, aims to analyze the discourses contained in the election jingles of candidates for mayor of the city of Catolé do Rocha PB, in the election of year two thousand and four as corpus of this work. Based on the theoretical methodological foundations of the Critical Discourse Analysis (ACD), through the studies of Norman Fairclough (2001), (2013), which brings together in his theory the participation of authors such as Althusser, Gramsci, Halliday and others. The proposal of this work is to present as historical and social facts influenced in the discursive practice of these jingles, to show how this musical discursive genre is surrounded by ideologies, whose objective to be achieved is the persuasion of the target audience, that is, the voters for the conquest of the vote. In the course of the research it was possible to verify that the speeches contained in the jingles brought to the present scenario events of the past, historical and social facts in an attempt to shake the image of the opposing candidate. The present article is structured in three topics: In the first topic we will emphasize the theories of the critical analysis of the discourse proposed by Norman Fairclough. In the second topic we will make a historical synthesis of the city and the political group led by members of the same family who have governed the municipality for decades, as well as political and family alliances to keep in power. In the third section we will present the jingles and the discursive analysis of them, through the theoretical contribution of the critical analysis of the English line discourse and contributions of authors such as Holanda (1995), Leal (2012) and Teruya (1995). (2000), among others, in order to understand the impact of these discourses in society.

Keywords: Speech. Jingles. Ideology. Persuasion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA-PB	111
2.1 Conjuntura Sociopolítica Da Cidade De Catolé Do Rocha-PB – Evolução Política	12
2.2 Casamentos Endogâmicos: Aliança financeira e política.....	19
3 O QUE SÃO JINGLES E COMO FUNCIONAM: APRESENTAÇÃO DOS JINGLES ELEITORAIS DE CATOLÉ DO ROCHA-PB- ANO 2004.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso SONS E RITMOS NA PRAÇA DE GUERRA CATOLAICO: Breve Análise Discursiva de Jingles Eleitorais de Catolé do Rocha-PB tem como objetivo geral analisar os discursos contidos nos jingles eleitorais de candidatos a prefeito da cidade de Catolé do Rocha PB, no pleito do ano dois mil e quatro (2004).

A escolha para trabalhar os discursos contidos nos jingles eleitorais como *corpus* desse trabalho justifica-se por abordar temas sociais de interesse coletivo que estabelece conexão com a teoria social do discurso proposta por Norman Fairclough (2001), (2013) e por se tratar de um tema agradável com o qual desejávamos examinar como objeto de nosso estudo, com a finalidade de analisar as relações entre as práticas discursivas presentes no discurso dos jingles, bem como os impactos desses na sociedade.

Nesse sentido, esse trabalho terá como objetivos específicos: Apresentar como fatos históricos e sociais influenciaram na prática discursiva desses jingles; Mostrar como esse gênero discursivo musical vem cercado de ideologias, cujo objetivo a ser alcançado é a persuasão do público alvo, ou seja, os eleitores para a conquista do voto; Verificar que os discursos dos jingles traziam ao cenário atual acontecimentos do passado, fatos históricos e sociais na tentativa de abalar a imagem do candidato opositor.

A metodologia deste trabalho é analítica, pois objetiva analisar os discursos contidos nos jingles, qualitativa buscando compreender que os discursos dos jingles eram utilizados para abalar a imagem do candidato opositor e bibliográfica utilizando a contribuição de diversos autores. Para a construção do *corpus* procuramos os autores dos jingles para que os mesmos nos fornecessem o cd com os jingles que seriam transcritos como objeto do nosso estudo para que em seguida efetuássemos a nossa análise.

Para análise dos jingles utilizamos como referencial teórico a análise crítica do discurso (ACD), um importante campo de estudo do discurso que surgiu na década de 1980 na Inglaterra, através dos estudos do inglês Norman Fairclough (2001), (2013).

Esse dispositivo teórico de análise possibilita esclarecer as relações dialéticas entre texto, práticas discursivas e práticas sociais. Portanto, nosso objeto de estudo focará nessas três categorias esboçadas pelo autor, buscando esclarecer o estudo do uso linguístico nas transformações sociais, pensamento social e político que é o objeto do nosso estudo.

O discurso é o meio de interação utilizado na comunicação, manifestado no uso da linguagem seja ela falada ou escrita. Os discursos podem ir muito além de realizar a

comunicação entre seus interlocutores, eles podem vir carregados de valores ideológicos, culturais e sociais, formas de pensar e agir.

Ao estudarmos a teoria social do discurso, compreendemos que essa abordagem teórica contribui para a compreensão entre discurso e sociedade. A teoria tridimensional da ACD considera o texto como a manifestação linguística da prática social, inferindo que os signos linguísticos são socialmente motivados. Sobre sua teoria, Flairclough afirma que: “Minha abordagem tridimensional permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (FLAIRCLOUGH, 2001, p.27).

Conforme evidencia o autor a ACD trabalha com um modelo tridimensional de análise textual, a prática discursiva e a prática social que são elementos significativos na análise crítica do discurso, buscando verificar a relação dialética entre discurso e sociedade, considerando a linguagem como uma ferramenta transformadora da sociedade e da cultura, nesse sentido, Flairclough (2001,p.91) apresenta as contribuições do discurso para as “relações sociais”, para a construção de “identidades sociais”, sujeitos sociais e os tipos de “eu”.

Essa afirmativa permite-nos compreender que a prática discursiva não procede de ideias individuais, mas está arraigada nas práticas sociais, mostra o discurso como um modo de ação, de agir sobre outros, uma relação entre discurso e estrutura social.

O autor assevera que: “Os diferentes tipos de discurso em diferentes domínios ou ambientes institucionais podem vir a ser investidos política e ideologicamente de formas particulares e podem ser reinvestidos” (FLAIRCLOUGH, 2001, p.95). Os discursos são moldados pela estrutura social, algumas entidades institucionais se destacam na sociedade pela natureza ideológica e domínios sociolinguísticos como ambientes escolares, religiosos, imprensa entre outros.

O discurso contribui de forma essencial em favor de determinados ideais e a censura em alguns casos é o método utilizado como forma inibir a propagação de objetivos ideológicos. Flairclough esclarece que prática política e ideológica caminham juntas e que o discurso como prática política é um fator essencial na conquista de poder.

Os discursos carregam consigo ideologias que se articulam nas relações de poder e muitos participantes do discurso reproduzem inconscientemente valores ideológicos por se deixar influenciar por ideais transmitidos à sociedade, discursos investidos ideologicamente.

O texto é a primeira dimensão da teoria da ACD, para analisá-lo é necessário considerar os aspectos de produção textual, nesse sentido, os analistas de textos devem

trabalhar a parte denominada “descrição”. A análise textual refere-se à forma e significado. Flairclough utiliza o aparato da gramática sistêmico funcional proposta por Halliday ambos admitem que: “O texto é um fenômeno rico, multifacetado, que significa em muitas diferentes maneiras” (FAIRCLOUGH, 2013, p. 298). Essa afirmativa permite-nos compreender as diversas significações que um texto pode ter e através da ACD estudaremos as categorias de análise textual. A teoria tridimensional estrutura a análise textual em quatro categorias: “vocabulário”, “gramática”, “coesão” e “estrutura textual”.

O vocabulário ocupa-se das palavras e seus significados, a utilização de determinadas palavras transportam valores ideológicos em determinado contexto social; A gramática compreende as estruturas das palavras combinadas em frases e orações; A coesão trata da ligação entre as orações e frases; A estrutura textual parte da organização do texto.

Para Flairclough a unidade principal da gramática é a oração é por meio dela que podemos mostrar os indicadores ideológicos, a utilização das vozes verbais para omitir ou explicitar o agente da ação. Nesse sentido, as vozes verbais no uso ativo ou passivo servem para evidenciar ou ofuscar participantes do discurso oriundo das classes dominantes como marcadores de valores ideológicos.

Outro modo de análise textual é a coesão que trata das ligações existentes entre orações e frases, na utilização de elemento coesivo o uso dos conectivos é muito importante para análise textual, pois algumas conjunções adversativas são indicadores de contradições, por exemplo, a conjunção adversativa “mas” estabelece uma relação de contradição entre as ideias vinculadas remetendo a ideologia implícita.

Fairclough também menciona a análise da estrutura textual que trata da organização dos textos. Os textos conduzem a traços e pistas de seu processo de produção e interpretação, conduzidos por recursos dos membros, a prática dos sujeitos possui efeitos sobre as estruturas, relações e lutas sociais.

O analista textual observa se um texto obtém característica de outro texto e observa também a tomada de turnos que revela as relações de poder entres os representantes do diálogo, pois na tomada de turnos o controle do diálogo é desigual.

Na Teoria tridimensional o discurso é uma forma de prática discursiva e prática social. Assim, a natureza de um discurso particular envolve o processo de produção, distribuição e consumo textual. Tais processos são sociais e necessitam referências quanto aos ambientes econômicos, políticos, institucionais onde o discurso é gerado.

O analista do discurso observa em relação a produção textual o espaço destinado ao texto, tamanho, ausência ou presença de imagens. Na distribuição do texto o analista observa

as maneiras como o discurso é posto socialmente em circulação. Quanto ao consumo do texto pode correr de forma individual ou coletiva, podendo ser consumido de forma passiva ou contraditória, discordando das leituras apresentadas, essas são características observadas pelo analista do discurso.

A análise da prática discursiva é a segunda dimensão da Teoria tridimensional, a prática discursiva e a prática social são norteadas pela “interpretação”. Na análise da prática discursiva incluímos a intertextualidade que são textos que contém fragmentos de outros textos e a interdiscursividade que acentua a historicidade dos textos. “A intertextualidade toma os textos historicamente transformando o passado- convenções existentes e textos prévios- no presente” (FAIRCLOUGH, 2001, p.115). Nesse sentido, a intertextualidade e o contexto são pistas importantes na interpretação, pois conduzem a predição dos sentidos do texto e remetem textos do passado ao presente.

Para Fairclough, a produção de um texto ocorre de forma inconsciente, e por estruturas sociais que já estão instaladas e de certa maneira são revestida política e ideologicamente. “O uso da linguagem dá sua própria contribuição à reprodução e /ou à transformação da sociedade e da cultura, incluindo-se as relações de poder” (FLAIRCLOUGH, 2013, p.284). O poder do discurso está em contribuir para reproduzir ou transformar a sociedade através das relações de poder, não apenas em contextos situacionais e institucionais, mas também no momento discursivo entre os usuários da língua.

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos: de um lado, pelas estruturas sociais estabelecidas, de outro, pela prática social na qual o membro está inserido. Fairclough (2001) assevera que para análise da prática discursiva há uma combinação denominada “microanálise e macroanálise” a primeira é usada pelos analistas da conversação para explicar como os textos são produzidos e interpretados pelos membros do discurso e a segunda a macroanálise para conhecer a natureza dos recursos dos membros e a ordem do discurso.

A importância dessa inter-relação de microanálise e macroanálise para a prática discursiva na teoria tridimensional é mediar a relação da prática social e do texto, a prática social determina os macros processos da prática discursiva e os micros moldam o texto.

A terceira dimensão da Teoria tridimensional é o discurso como prática social, que é de natureza interpretativa e envolve condições de contexto em que a prática discursiva ocorre. O discurso como prática social posiciona os sujeitos de várias maneiras, reproduzindo valores e identidades ou posicionando o sujeito de forma particular, segundo sua significação de mundo.

Para entender o discurso, é preciso conhecer o seu contexto. É necessário que se analisem as mudanças sociais e culturais ocorridas, quem são os sujeitos envolvidos na produção e na recepção do texto, quando e onde ele é consumido.

Sob essa perspectiva, Fairclough afirma que ideologia e hegemonia estão presentes na prática social à medida que incorpora significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder.

No que diz respeito a ideologia Fairclough (2001), (2013), faz algumas considerações teóricas Althusserianas que a ideologia tem existência material nas práticas das instituições; Que a ideologia interpela os sujeitos conduzindo a compreensão de que a constituição dos sujeitos é um dos efeitos ideológicos importantes no discurso; Considera como dispositivos ideológicos instituições como educação e mídia, que são locais e marco delimitadores da luta de classe, apontando os conflitos implícitos no discurso como base para uma análise de discurso orientada ideologicamente.

Em relação ao poder ideológico impetrado no discurso Fairclough utiliza a concepção Gramsciana de hegemonia para relatar esse processo:

“Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade [...] a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento”. (FLAIRCLOUGH, 2001, p.122)

Essa relação de dominação explicita as formas econômicas, políticas, ideológicas e as respectivas relações de forças presentes em diferentes níveis e domínios das instituições sociais existente no discurso.

O conceito de hegemonia fornece meios para analisar a prática social a qual pertence os discursos, pois as relações de poder se reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes, desse modo se consegue avaliar as dimensões políticas e ideológicas das práticas discursivas.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA-PB

A cidade de Catolé do Rocha PB, situada no alto sertão paraibano faz divisa com o Rio Grande do Norte, recebeu esse nome devido à abundância de uma palmeira nativa chamada de Catolé existente no local, e o Rocha veio a ser uma homenagem ao sobrenome de seu fundador Francisco da Rocha Oliveira. Com uma população estimada de 30.360

habitantes segundo dados do IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e estatística de 2016, distante cerca de 427 km da capital João Pessoa, Catolé do Rocha tornou-se conhecida pela manutenção no poder de políticos influentes em nível municipal e estadual, por meio de alianças políticas e familiares.

A descoberta de Catolé do Rocha-PB, segundo os historiadores, se deu por meio de expedições nos fins do século XVII, onde habitavam índios “PEGAS, COYACUS e CARIRIS” que foram mortos por capitães do governo paulista, para a posse das terras. “Requereram sesmaria de 3 léguas de comprimento por uma de largura. Esses homens eram Garcia d’Ávila, Rocha Pita e os Oliveira Ledo que povoaram a região”. (JORNAL DA CÂMARA, maio, 1993, p.4) Sobre a aquisição dessas terras Teruya afirma que:

A aquisição de terras se processou através de doações da Coroa, em forma de sesmarias e através da simples posse, num processo brutal de ocupação, que dizimou completamente as populações locais, tendo durado até o século XVIII. No final deste século, grandes fazendas destinadas à criação de gado estavam consolidadas. (TERUYA, 2002, p.27)

Conforme evidencia Teruya a ganância pelas terras dizimou os índios para que assim surgissem os primeiros habitantes e fazendeiros, o que ocorreu por volta de 1700. Em 1705 Teósido de Oliveira Ledo recebe a concessão de terras por D. Catarina regente do Brasil. Um de seus descendentes Francisco da Rocha Oliveira chega a região em 1754 se estabelece as margens do Riacho Agon plantando, construindo e erguendo moradias.

Em 1774 inicia-se a construção de uma capela que recebeu o nome de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, formando o então povoado de Catolé do Rocha, pertencente à Pombal. Em 1835, essa povoação foi elevada categoria de vila, com o nome de “Villa Federal de Catolé do Rocha” e somente em 1935 passou a categoria de cidade. (JORNAL DA CÂMARA, maio, 1993, p.4).

2.1 Conjuntura Sociopolítica Da Cidade De Catolé Do Rocha-PB – Evolução Política

É difícil falar em Catolé do Rocha sem citar o sobrenome Maia. Os Maias fazem parte ativamente da evolução história e política da cidade. Conforme Teruya (2002, p.41) relata que: “Os Maia de Catolé descendem de um português chamado Francisco Alves Maia (I) casado com Teósida Ferreira [...] proprietário de muitas terras no sertão nordestino.”

Francisco e Teodósia residiam no Ceará, um de seus filhos casou-se com uma prima herdando terras em Catolé do Rocha.

Um filho de Francisco, Antonio Ferreira Maia veio casar-se com sua prima Quitéria Nogueira Leitão, de Catolé, e juntos, herdaram todas as propriedades locais. Esse Antonio Ferreira Maia já fora casado no Ceará e deixara lá muitos descendentes, os quais, posteriormente, seriam trazidos para Catolé.

Da união de Quitéria e Antonio, nasceram, entre outros, Manoel Alves Maia e Francisco Alves Maia (II) (TERUYA, 2002, p.42)

Conforme citação acima, observamos que os descendentes de Francisco Alves Maia (I) participaram ativamente da política de Catolé do Rocha, Francisco Alves Maia(II) e Manoel Alves Ferreira Maia. Após 26 de Maio de 1835, data de sua emancipação política, o poder municipal era exercido por presidente de conselho ou câmara municipal por meio de eleição indireta, um de seus integrantes era Manoel Alves Maia, filho do revolucionário Manoel Alves Ferreira Maia “considerado como o primeiro membro da família Maia a ocupar a Chefia do Executivo Municipal.” (REVISTA CATOLÉ 169 ANOS, 2004, p.24).

Os Maias de Catolé do Rocha herdaram muitas terras, bem como adquiriam prestígios políticos nos governos municipal e estadual. No período da república, a forma estabelecida para escolha do chefe do poder municipal era por meio de nomeação, como o grupo dos Maias exercia chefia em nível estadual, grande parte dos nomeados foram pertencentes a família Maia ou participantes de seu grupo político. Conforme exposto no quadro abaixo:

PERÍODO	PREFEITO	GRUPO QUE PERTENCIA
1895-1897	Adolfo Fernandes Maia	Neto de Francisco Alves Maia (II) indicado por seu primo Valdevino Lobo Ferreira Maia
1898-1903	Valdevino Lobo Ferreira Maia	Exercia o mandato de deputado estadual e prefeito do município
1905-1907	Francisco das Chagas Fonseca	Indicado por Valdevino Lobo Ferreira Maia
1907- 1927	Benevenuto Gonçalves da Costa assumindo o vice em 1927 após sua morte Vice: Hermínio Hermenegildo Maia de Vasconcelos. Filho do coronel Maia	Indicado por Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (coronel Maia) e Valdevino Lobo Ferreira Maia
1927-1929	Antonio Suassuna	Nomeado por João Suassuna
1929-1930	Manuel Vieira de Freitas	Nomeado por João Suassuna

1930-1934	Américo Maia de Vasconcelos	Neto e filho adotivo de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia) renunciou 1934 para candidatar-se a deputado estadual
1935-1936	João Sérgio Maia	Filho de Sérgio Maia de Vasconcelos, Neto de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)
1936-1939	Natanael Maia Filho	Genro de Sérgio Maia de Vasconcelos
1940-1943	Aristeu Formiga	Nomeado por Rui Carneiro adversário dos Maías
1943-1944	Eugênio Luiz de Oliveira	Nomeado por Rui Carneiro adversário dos Maías
1944-1945	Manuel Emídio de Sousa	Nomeado por Rui Carneiro adversário dos Maías
1945	Antonio da Nobrega Ferreira	Cunhado de João Agripino (III)
1945	José Demétrio de Albuquerque e Silva	-
1946	Bernardino Soares Barbosa	-
1946-1947	Jurandi Rodrigues Barroso	-
1947	Otávio Olímpio Maia	Neto do Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)
1947-1951	Francisco Rosado Maia	Eleito -Filho de Francisco Sérgio Maia. Neto de Sérgio Maia de Vasconcelos
1952-1955	José Sérgio Maia	Eleito- 1º mandato, Filho de Sérgio Hermenegildo Maia de Vasconcelos. Neto de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)
1955- 1959	Major Osório Olímpio de Queiroga	Eleito- Genro de Francisco Sérgio Maia
1960-1963	José Sérgio Maia	Eleito-2º mandato, Filho de Sérgio Hermenegildo Maia de Vasconcelos. Neto de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)
1963-1965	Isauro Rosado Maia	Eleito- Filho de Francisco Sérgio Maia renunciou assumindo o vice
1965-1968	Arione Maia	Filho de Natanael Maia Filho. Neto de Sérgio Maia
1969-1972	Benedito Alves Fernandes	Eleito – Indicado e apoiado por José Sérgio Maia
1973-1976	José Sérgio Maia Não houve disputa candidato único	Eleito-3º mandato Filho de Sérgio Hermenegildo Maia de Vasconcelos. Neto de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia)
1977-1982	Manoel Abrantes	Eleito -Indicado e apoiado pela família Maia

1983-1985	José Otávio Maia de Vasconcelos	Eleito- Filho de José Sérgio Maia renunciou para candidatar-se a deputado estadual.
1986-1988	vice : Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos	Filho de José Sérgio Maia assumiu quando seu irmão renunciou
1989-1992	José Sérgio Maia	4º mandato. Faleceu no final do 4º mandato em 09-11-1992 assumindo o vice
1992	Jessé Rafael de Figueiredo	Assumi por quase dois meses após a morte de José Sergio Maia
1993-1996	Leomar Benício Maia	1º mandato- Indicado por José Sérgio Maia, seu parente.
1997-2000	José Otávio Maia de Vasconcelos Vice evangelina Mariz Maia (sua mãe)	Filho de José Sérgio Maia
2001-2004	Leomar Benício Maia	2º mandato. candidatou-se contra José Otávio Maia, filho de José Sérgio Maia, seu parente e foi eleito quebrando uma oligarquia de mais de 40 anos.
2005-2008	Leomar Bencio Maia	3º mandato- candidatou-se contra Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos, filho de José Sérgio Maia, seu parente.
2009-2012	Edvaldo Caetano da silva	Indicado e apoiado por Leomar Benício Maia
2013-2016	Leomar Benício Maia	4º mandato- candidatou-se contra o médico Dr. Paulo
2017-2020	Leomar Benício Maia	5º mandato- candidatou-se contra Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos, filho de José Sérgio Maia, seu parente.

Fonte: (REVISTA CATOLÉ 169 ANOS,2004, p.24,25) – (TRE /PB) (TERUYA 2002, p.64,65)

Conforme podemos constatar nas sucessões municipais acima o poderio local iniciou-se com membros da família Maia, que com o passar do tempo adquiriram mais força e prestígio por meio de alianças políticas e familiares, tornando-se cada vez mais poderosos, dominantes da política local e estadual. Sobre esse fortalecimento político e influência econômica dos membros da família Maia, Teruya afirma que:

João Agripino (II) tornou-se o chefe político de Brejo do Cruz, enquanto o seu cunhado, Capitão Sérgio Hermenegildo Maia de Vasconcelos assumiu o domínio de Catolé do Rocha. Uma terceira geração de chefes familiares se faria presente a partir da década de trinta, representada por Américo Maia de Vasconcelos, o terceiro João Agripino e, a partir dos anos cinquenta, no âmbito local, o coronel Zé Sérgio Maia. (TERUYA, 2002, p.51)

Diante dessa afirmativa compreende-se que o poderio da família Maia se estendeu durante vários anos, não só a nível local, em Catolé do Rocha e no estado da Paraíba, mas expandindo-se para outras cidades e outros estados, mantendo no poder políticos influentes.

Outros membros da família que não eram políticos exerciam cargos de destaque, eram bem sucedidos político e financeiramente. Conforme Francisco Evangelista, que foi Deputado Federal e Estadual e que fez sua trajetória política na cidade de Catolé do Rocha PB, afirma em sua obra a dificuldade de se opor a política dos Maias: “Como se pode ver, não era fácil fazer política, enfrentando todas essas forças, que trouxeram sempre muitos riscos e dificuldades” (EVANGELISTA, 2014, p.51). não era fácil ser oposição mediante o tamanho do prestígio político e familiar desse grupo.

Um dos grandes articuladores político da família Maia em nível local que se destacou na década de cinquenta foi José Sérgio Maia, conhecido como Coronel Zé Sérgio, escolhido para o comando da liderança política da família Maia.

Filho de Sérgio Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Otilia Idalina Maia era descendente do português Francisco Alves Maia, neto por parte de pai de Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos (Coronel Maia) e por parte de mãe, de João Agripino Maia de Vasconcelos (João Agripino I) casado com sua prima Evangelina Mariz Maia. (VITAL, 2013)

“José Sérgio Maia era considerado como grande fazendeiro dedicou-se a atividades agrícolas, como o plantio de algodão, a fabricação de rapadura e aguardente, em engenho de sua propriedade e a industrialização do Café Catolé” (VITAL, 2013). Disputou o pleito eleitoral em Catolé do Rocha elegendo-se a quatro mandatos eletivos para prefeito e quatro para vereador.

Permaneceu como grande líder político até 09 de Novembro de 1992 quando faleceu no exercício do seu quarto mandato de prefeito. Seu primeiro mandato, nos anos de 1952 a 1955 consagrando-se como grande articulador político. O seu segundo mandato, nos anos de 1960 a 1963. Em seu terceiro mandato, nos anos de 1973 a 1976 chegou a concorrer ao pleito sozinho, pois a oposição não lançou candidato. O seu último mandato foram nos anos de 1989 a 1992 quando faleceu.

José Sérgio Maia foi prefeito por quatro mandatos, nunca se afastou da liderança política de Catolé do Rocha, quando o próprio não disputava o pleito eleitoral apoiava correligionários que com seu apoio sempre venciam as campanhas. Sobre como José Sérgio Maia ingressou na política Teruya traz um relato do próprio Coronel Zé Sérgio:

Um sobrinho meu, que tinha sido Prefeito, que foi meu antecessor, envaidecido, queria se desligar do chefe político da época, que era Américo Maia, que era Deputado Estadual. Ele queria se desligar. Já havia esse ranço dentro da família. Eu fui chamado para ser o Prefeito, exatamente para acabar com essa discórdia que havia na família. O pai do prefeito era meu irmão [...] Meus cunhados, João Agripino, Américo era concunhado meu e primo, e eles achavam que eu era elemento conciliador e me jogaram... então, eu fui Prefeito, mas sempre considerando Américo como chefe político, que era Deputado e era o chefe político da família. (TERUYA 2002, p.68)

Conforme narrado o trecho acima pelo próprio José Sérgio Maia, pode-se compreender que o mesmo ingressou na política figurando como uma espécie de conciliador buscando amenizar uma celeuma política entre membros da mesma família (Maia), estratégia política que sanou a situação e o fez adquirir grande prestígio.

Zé Sérgio, como era popularmente conhecido, quando não disputava o pleito para prefeito concorria à vaga de vereador. “Foram 40 anos ininterruptos de atividade política, administrando a cidade, durante 4 vezes sendo vereador por 4 legislaturas e presidente da câmara municipal, diversas vezes.” (JORNAL DA CÂMARA, jan, 1992, p.4).

Entre os seus indicados a concorrer o pleito municipal estavam seus filhos José Otávio Maia, Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos e parentes, chegando no último pleito antes de sua morte a uma vitória com apenas “37 votos de maioria, em uma das mais renhidas disputas da história do município”. (JORNAL DA CÂMARA, maio, 1993, p.5). O frade franciscano Frei Marcelino se opunha abertamente a política do Coronel Zé Sérgio, mas suas tentativas foram sem sucesso.

Em vida José Sergio Maia nunca perdeu uma campanha política, em Catolé do Rocha tornou-se um homem reconhecido e influente. Antes de sua morte indicou como seu sucessor na disputa do pleito municipal Leomar Benício Maia, médico que também carrega o sobrenome de destaque Maia.

Leomar Maia nasceu em 24 de setembro de 1944, na cidade de Belém do Brejo do Cruz (PB), filho de Gentil Benício Maia e da professora Catarina de Sousa Maia, casado com a psicóloga Paulina Maia. Formado em medicina e especializado em ginecologia e obstetrícia exerceu a profissão por vários anos em outras cidades, “foi na cidade de Catolé do Rocha, onde o belenense escolheu para trabalhar, viver e criar sua família.” (VERAS, 2014).

Indicado por José Sérgio Maia ao pleito de 1992, Dr Leomar como é conhecido candidatou-se pelo PMDB, Leomar Benício Maia obteve vitória com grande maioria de votos contra Benedito Alves Fernandes que concorreu como oposição, Benedito exerceu mandato de prefeito nos anos de 1969 a 1972 também indicado pelo Coronel Zé Sérgio.

Na eleição de 1996 Leomar Benício Maia apoia José Otávio Maia de Vasconcelos candidato pelo PMDB, filho do grande líder político José Sergio Maia que vence as eleições tendo como vice-prefeita sua mãe Evangelina Mariz Maia.

No ano de 2000 Leomar Benício Maia rompe com os descendentes de José Sérgio Maia e candidata-se pela oposição pelo partido PTB, vence para o segundo mandato obtendo 1826 votos de maioria contra José Otávio Maia de Vasconcelos, quebrando uma oligarquia de mais de quarenta anos.

Em 2004 consta no TRE/PB que Leomar Benício Maia vence Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos, filho de José Sérgio Maia, seu parente, com maioria esmagadora 2112 votos sendo eleito pela terceira vez.

No ano de 2008 Leomar Benício Maia indica e apoia como candidato pelo PTB Edvaldo Caetano da Silva, nessa eleição aparece o filho de José Sérgio Maia, Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos, candidato a vice-prefeito pela oposição na chapa de Laurinho Maia, vencendo o pleito Edvaldo Caetano indicado por Leomar.

Em 2012 Leomar Benício Maia concorre ao quarto mandato pelo partido PTB contra o também médico Dr Paulo César de Araújo que teve o apoio da oposição, novamente a tentativa da oposição não obteve êxito. Leomar vence o pleito, porém dessa vez a maioria não foi tão alta, apenas 417 votos de maioria.

Chegam as eleições de 2016 e mais uma vez Leomar Benício Maia concorre ao quinto mandato pelo partido PTB, disputando juntamente com ele o descendente de José Sérgio Maia, Lauro Sérgio Maia de Vasconcelos, seu parente, que sai do PMDB e ingressa no PSB apoiado pelo governador Ricardo Coutinho. Essa disputa entre primos foi noticiada na imprensa estadual:

Em Catolé do Rocha, cidade do Sertão do Estado que tem mais de 30 mil habitantes, segundo o IBGE, são três candidaturas registradas. Duas delas com membros da mesma família: a 'Maia'. Os primos Leomar e Lauro polarizam a disputa pela prefeitura. (CERQUEIRA, 2016)

Leomar Benício Maia tornou-se a maior liderança política pós José Sergio Maia, chegando a ultrapassá-lo em número de mandatos no executivo municipal. Sobre essas sucessões no executivo municipal Evangelista assevera que é contínua por membros da família Maia.

Em Catolé do Rocha, quando desaparece uma oligarquia, surge outra imediatamente, contanto que tenha o sobrenome Maia [...] Foi o que

aconteceu após o falecimento de José Sérgio Maia, quando logo surgiu outro, Leomar Benício Maia, dizendo-se dono dos votos. (EVANGELISTA, 2014, p.183)

Evangelista declara que a oligarquia continua com um surgimento de um novo líder político Maia, Leomar Benício Maia, todavia esse emergente líder, conforme dados do Tribunal Regional Eleitoral consta como sendo eleito cinco vezes para recondução do cargo de prefeito, contudo, o atual gestor mesmo tendo superado a antiga liderança em números de mandatos no executivo nunca ousou concorrer ao poder legislativo.

2.2 Casamentos Endogâmicos: Aliança financeira e política.

Conforme notório nas sucessões municipais, a família Maia permaneceu por décadas no poder executivo municipal e hoje permanece uma de suas ramificações, uma família com abastado poder aquisitivo e de grande influência política. Segundo os estudos de Teruya pode-se afirmar o alto índice de casamentos endogâmicos como laços de aliança familiar, política e financeira.

É considerada endogamia “o casamento entre parentes consanguíneos” (TERUYA, 2002, p.72). Essa prática tornou-se costumeira entre membros da família Maia, pois garantiam a herança, impedindo que o poder econômico e político passassem para famílias rivais. Sobre a prática endogâmica Queiroz citado por Teruya explica que essa conduta era utilizada para conservação dos bens financeiros e do mandonismo local:

O casamento no interior da própria parentela - tios com sobrinhas, primos com primas- sendo tão largamente utilizado [...]; era a maneira de impedir que a fortuna fosse para mãos de estranhos, ou se dividisse. O casamento fora da parentela, dando como resultado, a aliança de dois grupos poderosos, que passavam a ser “parentes”, e, portanto intimamente unidos, tanto econômica quanto politicamente, podendo se elevar na hierarquia do domínio graças a esta soma de forças familiares, econômicas e políticas. (QUEIROZ, 1985, p.172 *apud* TERUYA, 1995, p.74)

Esse fortalecimento advindo do casamento entre parentes consolidava o poder econômico e político, era uma prática comum procedente do padrão familiar do estilo patriarcal, da qual derivava o modelo para sociedade. Prática seguida pela família Maia, regido por padrões de interesses e voltado para a conservação do patrimônio. Sobre esse modelo familiar convém apresentar o que nos diz Holanda quando afirma que:

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e, portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida. (HOLANDA, 1995, p.85)

Esse costume adotado pelas famílias de elite exhibe os laços familiares e a preservação do patrimônio como moldes a ser seguido na sociedade e na política, regido por valores de obediência e submissão sob o domínio do patriarca, poder paterno e marital. É possível constatar que esse padrão familiar patriarcal era adotado pela família Maia pelo alto índice de casamentos endogâmicos como forma de preservação patrimonial. Teruya em seus estudos enfatiza casos concretos de endogamia praticados pelos coronéis da família Maia como aliança econômica e política.

A morte prematura de João Agripino de Vasconcelos Maia ensejou um dos casamentos mais emblemáticos da importância com que se revestem os laços de endogamia para a preservação dos bens familiares, uma vez que sua viúva, Idalina Rodrigues Maia, tornou a casar-se, desta vez, com o coronel Maia, tio de seu ex-marido, unindo o patrimônio político e econômico dos dois antigos parentes e sócios. [...] Para selar a sociedade e complicar ainda mais os laços de parentesco, suas três filhas casaram-se com três filhos do coronel Francisco Maia. (TERUYA, 2002, p.46)

José Sérgio Maia uniu-se a sua prima Evangelina Mariz Maia, irmã de João Agripino (III). É bom lembrar que esses primos e cunhados (José Sérgio e João Agripino III), foram os maiores chefes da família nos últimos anos. Seus filhos lograram exercer cargos de deputados estaduais, sobressaindo-se dos demais, nas gerações posteriores. (TERUYA, 1995, p.137)

Segundo constatamos as alianças familiares fortaleciam o poderio desses senhores que ultrapassavam a vida privada e seguiam para vida pública como extensão da vida doméstica. Holanda afirma que: “Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreender a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público”. (HOLANDA, 1995, p.144).

Esse padrão familiar que se estende no campo político faz com que o administrador de cargos públicos trate as instituições públicas como uma extensão da vida privada, a sociedade se submete a esse padrão, seja, por respeito, favor ou medo. Diante desse aporte é possível apresentar um fato ocorrido em Catolé do Rocha praticado por um coronel da política citado por Melo ao afirmar que:

Em 1968, José Sérgio elegeu o prefeito, o filho do gerente de uma de suas fazendas, Benedito Alves Fernandes, mas quem mandava era ele, o coronel José Sérgio. Tão logo assumiu o posto de prefeito de Catolé do Rocha, Benedito começou a trabalhar, pavimentar ruas, limpar praças, fazer isso e aquilo. José Sérgio, enciumado e temendo o crescimento do prestígio de Benedito, um homem do povo, chegou pra ele e disse: “Acaba com esse negócio de trabalhar, Benedito, logo, logo! Você é o prefeito, mas aqui quem manda sou eu!” Benedito calou-se e cumpriu a ordem do coronel, pois não tinha outra alternativa. Ele não queria desempregar o pai. (MELO, 2013, p.393)

O ocorrido mencionado acima evidencia o que nos diz Holanda que havia entre os detentores de cargos públicos dificuldade em separar os domínios do público e do privado, pode-se dizer que o poderio agrário patriarcal trouxe arraigado entre os grandes coronéis da política que o estado era uma extensão da família. Esses chefes políticos eram respeitados pela sociedade recebendo a titularidade de coronel.

Coronel essa denominação surgiu no período colonial, era uma patente militar usada para designar a guarda nacional que correspondia ao comando municipal ou regional. Com o passar do tempo essa titularidade era recebida por quem pagava e deveria ser alguém influente financeiramente (LEAL, 2012). Entre os que eram contemplados com tais títulos estavam os grandes proprietários rurais.

Nessa perspectiva, é possível compreender que a titularidade de coronel era concedida aos grandes proprietários de terras e homens de influência social. Sobre a aquisição desse título Leal afirma que:

O Clã rural ou o potentado, que não raro se enfeitava com a patente de coronel concedida pelo poder público ou outorgada pelo povo, numa espécie de plebiscito que pelo fato de ser espontâneo, já dispensava por si mesmo, o diploma oficial e o fardamento das paradas. Coronel por eleição-um fenômeno raro na hierarquia militar. (LEAL, 2012, p.20)

A patente de coronel era concedida aos fazendeiros influentes, dispensava-lhes qualquer formação militar, usufruíam dessas vantagens derivando seu poder político de tais privilégios. Leal e Holanda também fazem menção às honrarias políticas advinda da titularidade.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. (HOLANDA, 1995, p82.)

Os chefes políticos municipais nem sempre são autênticos “Coronéis.” A maior difusão do ensino superior no Brasil espalhou por toda parte médicos e advogados, cuja ilustração relativa se reunida a qualidade de comando e dedicação os habilita a chefia. Mas esses mesmo doutores ou são parentes ou afins ou aliados políticos dos coronéis. (LEAL, 2012, p. 23, 24)

Em conformidade com a citação de Holanda e Leal a formação acadêmica para os descendentes dos grandes proprietários rurais assegurava a estabilidade econômica e o respeito concedido pelo povo devido à titularidade garantia ingressar na vida política. “Com exceção do Coronel Zé Sérgio, os demais ficaram conhecidos como sendo os coronéis doutores pela formação acadêmica, e conduziram o destino político da família pelo resto do século vinte” (TERUYA, 2002, p.52). Com a influência concedida pela formação acadêmica assumiam a administração das propriedades e o futuro político familiar.

Diante do exposto, pode-se afirmar que os chefes políticos da família Maia nem sempre eram coronéis, pois garantiam futuro acadêmico para seus descendentes para que através da titularidade de doutores assumissem cargos de destaque ou representação política.

3 O QUE SÃO JINGLES E COMO FUNCIONAM: APRESENTAÇÃO DOS JINGLES ELEITORAIS DE CATOLÉ DO ROCHA-PB- ANO 2004

Segundo estudamos na Teoria tridimensional da ACD o discurso colabora para formar posicionamentos, para reproduzir a sociedade, fazer crer e descrever. Desse modo, o discurso dos jingles tem como objetivo vincular as ideologias dos candidatos ou partido político persuadindo o eleitor a aceitar o discurso que o convença.

Nessa perspectiva, mostraremos que os discursos dos jingles de Catolé do Rocha do ano dois mil e quatro traziam ao cenário atual acontecimentos do passado, fatos históricos e sociais na tentativa de abalar a imagem do candidato opositor. Sobre esse aspecto vejamos a definição de jingle conforme Lourenzo:

Podemos definir o jingle político como sendo qualquer canção com um propósito político e publicitário. Este objetivo pode ser tanto conseguir apoio e votos a um político (partido, frente ou causa) quanto para criticar e diminuir apoio e votos a outro político (partido, frente ou causa) adversário (LOURENZO, 2007, p.2)

O jingle é um discurso persuasivo produzido com o propósito de obter a atenção do público alvo, os eleitores, seja para conquistar apoios e votos como para criticar o adversário

político diminuindo seus apoios. Os Jingles que serão analisados não mostram propostas ou projetos eleitorais, mas tem como objetivo criticar o candidato opositor e diminuir seus apoios e votos segundo evidenciou Lourenzo.

Para Manhanelli os discursos dos Jingles são intencionalmente produzidos: “O jingle é uma música [...] sem grandes pretensões, mas na realidade repleta delas, comunica conceitos e provoca emoções, permitindo que se transmitam valores diversos almeçados por sua audiência.” (MANHANELLI, 2011, p.16). Os jingles são gêneros discursivos musicais capazes de transmitir convicções diversas, constituindo discursos que transportam valores ideológicos, com letras de fácil compreensão convencem o eleitor a optar pela proposta mais atraente. “Sua criação parte de uma vontade e uma orientação específica, tendo como intuito a persuasão” (MANHANELLI 2011, p.18). Desse modo, convém mostrar a definição de Citelli sobre persuasão:

Persuadir, antes de mais nada é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro a aceitação de uma ideia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere = aconselhar. Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: Alguém “aconselha” outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo anunciado. (CITELLI, 2002, p.14)

A afirmação de Citelli mostra de maneira clara que a persuasão é uma forma de dominação a ideia que está sendo vinculada, desse modo, podemos compreender que o jingle é utilizado como estratégia política para convencer o eleitor a aceitação do discurso apresentado, ou seja, optar pela sugestão mais convincente.

Nesse ponto do trabalho apresentamos os jingles eleitorais de Catolé do Rocha do pleito do ano dois mil e quatro, é por meio desses jingles que será constituída a nossa análise conforme a teoria da ACD proposta por Norman Fairclough.

Para compreendermos esses jingles é necessário tomar conhecimento de como são chamados os candidatos mediante o número de sua coligação. O número 15 do Partido PMDB é considerado no jogo do bicho como Jacaré e por estarem afiliados nesse partido os descendentes de José Sérgio Maia foram intitulados de “Jacaré”.

O número 14 do Partido PTB do médico Dr Leomar é considerado no jogo do bicho como “Gato” e esse sempre em períodos de eleição é chamado de “Gato”.

Conforme evidenciamos os discursos são práticas discursivas e sociais que carregam consigo ideologias que se articulam nas relações de poder. É o que acontece nos dois jingles que apresentamos agora, eles transportam para o momento atual acontecimentos do passado,

fatos históricos e sociais como forma de prejudicar o desempenho político do candidato oponente.

Jingle-1:	Título: Ramada	Autor: José Pereira Filho - Popularmente Conhecido Como Segundo Sanfoneiro	Candidato: Leomar Maia	Campanha Eleitoral Ano: 2004
Há quatro anos que a ramada foi furada e ninguém se queixou de nada depois que a bicha furou, foi muito bom para o povo de Catolé e que mostrou ao jacaré que a sua lagoa secou.				
O povo sofreu uns cinquenta anos, mas Deus que tem os seus planos nos enviou o doutor, pra construir uma nova Catolé e ensinar ao jacaré a respeitar o eleitor.				
Já falei com esse quinze eu não vou, escolhi foi um doutor e nele pus minha fé, gato velho macho que não leva bordoada, pode esperar a lapada no lombo do jacaré.				
Oh! Leomar o nosso povo te ama, o jacaré reclama, mas já conhece o sinal, não pode ouvir nem o chiado de sapato, nem o miado do gato que corre pro pantanal.				

Conforme ACD proposta por Flairclough o vocabulário ocupa-se das palavras e seus significados, a utilização de determinadas palavras transportam valores ideológicos em determinado contexto social. A primeira estrofe do jingle 1 “*ramada*” diz: “*há quatro anos que a ramada foi furada e ninguém se queixou de nada depois que a bicha furou, foi muito bom para o povo de Catolé e que mostrou ao jacaré que a sua lagoa secou*”. O significado de ramada conforme o dicionário é o conjunto de ramos de uma planta, alguns dicionários trazem como definição: cerca ou abrigo feitos de ramos para recolher o gado, ou seja, compara o eleitor ao gado que acha uma abertura na cerca de rama e foge, ficando livre daquele cercado. Atribui ainda que a fenda no cercado foi boa para a população, pois não houve queixas, diz que o povo “*mostrou ao Jacaré que a sua lagoa secou*”. A água da lagoa seria o poder político dos descendentes de José Sérgio Maia que secou ao serem derrotados.

A segunda estrofe: “*O povo sofreu uns cinquenta anos, mas Deus que tem os seus planos nos enviou o doutor, pra construir uma nova Catolé e ensinar ao jacaré a respeitar o eleitor*”. Esse trecho do discurso enfatiza o tempo da antiga oligarquia no poder relacionando a sofrimento, o uso da conjunção adversativa “mas” estabelecendo a contradição entre as ideias vinculadas, mostrando o possível sofrimento e o contentamento pela chegada do doutor e remetendo a sua vinda a Deus. Aqui faz menção a titularidade de doutor citada por Holanda (1995, p.157) “A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-

lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade”. O enaltecimento do título de doutor é utilizado para atribuir-lhe virtudes.

A terceira estrofe: *“Já falei com esse quinze eu não vou, escolhi foi um doutor e nele pus minha fé, gato velho macho que não leva bordoadas, pode esperar a lapada no lombo do jacaré”*. Essa estrofe mostra valores ideológicos transmitidos à sociedade de modo a influenciar na recusa pelo candidato de número quinze representado pela antiga oligarquia de José Sérgio Maia, mostrando que se deve optar por um doutor e depositar nele a sua fé, a fé aparece no discurso como instrumento de credibilidade. A ênfase no título de doutor demonstra o prestígio por meio da titularidade. Segundo afirma Leal (2012, p.128) “Aqui, tivemos numerosas categorias de chefes políticos. Desde logo dividiam-se eles em coronéis e doutores[...] o doutor, mais pelo poder da inteligência e da cultura, pelo prestígio da palavra ou por serviços prestados.”. A formação acadêmica assegurava o prestígio político devido à titularidade e a prestação de serviços. O jingle também enfatiza o machismo *“gato velho macho”* típico do vínculo de família de estilo patriarcal. Segundo enfatiza Holanda (1995, p.143) “O vinco doméstico, a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão oposto às exigências de uma sociedade de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária”. Conforme evidencia Holanda os costumes patriarcais são contrários a uma sociedade de homens livres. O *“gato”* faz referência ao candidato Leomar Maia, assim chamado pelo número de sua coligação que no jogo do bicho catorze é o gato, o jingle ressalta que ele se sobressai sobre seu opositor o candidato Lauro Maia de número quinze que no jogo do bicho é o *“Jacaré”*.

A quarta a estrofe: *“Oh! Leomar o nosso povo te ama, o jacaré reclama, mas já conhece o sinal, não pode ouvir nem o chiado de sapato, nem o miado do gato que corre pro pantanal”*. A última estrofe do jingle faz menção ao candidato Leomar Maia referindo-se como o que é amado pelo povo e fazendo críticas ao candidato oponente, acusando-o de reclamador e frouxo. Podemos constatar o que nos diz Flairclough (2001, p.94) “O discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta pelo poder.” Discurso revestido de hegemonia nos domínios político e ideológico de uma sociedade, a ideologia são os significados gerados na relação de poder. O jingle aqui é utilizado para enaltecer o candidato Leomar e sua titularidade e desqualificar o candidato opositor.

Jingle-2	Título: Desabafo do Eleitor	Autor: José Renato de Queiroz Feitosa - Popularmente conhecido como Renato Feitosa	Candidato: Lauro Maia	Campanha Eleitoral Ano: 2004
Esquecimento seu doutor é coisa séria, quem sofre dessa miséria muito tem a padecer, nos desprezou e agora vem com seu cinismo fazendo favoritismo, tú tens mais é que aprender.				
Posso falar seu doutor tenho motivo nada disso é improviso, em tudo eu tenho razão, teus secretários são uma pedra de tropeço, doutor promessa eu os conheço e deram fim a tua gestão.				
Aonde vai seu doutor com tanta pressa, cuidado! Isso te estressa é o conselho que eu te dou, tá aperreado pra fazer tudo bonito, agora é tarde meu amigo o povo já te rejeitou.				
Como é que pode seu prefeito me responda, seu mal feito é da conta do mais nobre cidadão. Sua comitiva é uma corda de arreio, de promessas eu tô cheio e Lauro ganha a eleição.				
Cadê doutor o ginásio poli esportivo, conquistas para o atletismo, salas pra jogos de salão, já garantiu trazer de volta a juventude o Catolé Esporte Clube e foi outra enganação.				
Isso virou foi uma grande marmelada elaborar uma papelada e não querer negociar, ninguém é besta pra votar em tú de novo, cadê o banco do povo seu doutor onde é que tá.				
O matadouro seu doutor causa vergonha, a imundice é tamanha, dá tristeza comentar. A Tudo a ver, outro dia publicou e a Paraíba comentou a seboseira que tem lá.				
Fabio Mariz foi entregue ao abandono e até eu tinha meus planos de construir e alimorar. Loteamento todo eletrificado infelizmente foi roubado e eu só posso é lamentar.				
E aqueles guardas que rondavam a cidade isso é página de saudade de Zé Sérgio e dos meus pais, mas o prefeito tem um guarda contratado e o povão foi castigado, Catolé não dorme em paz.				
Cadê avenida que tú disse construir, era só Cassio assumir e tú está na direção e o incentivo pra cem pequenas empresas, mil empregos com certeza que daria pro povão, minha cidade vive agora o desengano foram demissões e danos feitos pelo tal gestor, sem fazer nada tá todo contraditório, diz que paga precatório do prefeito que passou.				
Aos meus amigos eu digo com alegria isso aqui que é poesia, pois tem letra e educação, sou jacaré, voto quinze e assim Lauro ganha bonitinho doutor não se aperrei não, meu Catolé vota quinze e assim Lauro ganha bonitinho doutor não se aperrei não.				

A primeira estrofe do jingle 2 “*Desabafo do Eleitor*” diz: “*Esquecimento seu doutor é coisa séria, quem sofre dessa miséria muito tem a padecer, nos desprezou e agora vem com seu cinismo fazendo favoritismo, tú tens mais é que aprender*”. Esse jingle inicia com a acusação ao gestor e candidato Dr Leomar Maia de esquecimento e desprezo ao povo. Leal (2012, p.132) afirma que: “Tanto os coronéis como os doutores subdividiam-se em numerosos tipos. Havia os mandões intolerantes, para os quais um adversário era um inimigo a ser eliminado pelo boicote social”. Aqui a titularidade de doutor é utilizada para boicotar o candidato tachando-o de esquecido e cínico.

A segunda estrofe: “*Posso falar seu doutor tenho motivo nada disso é improvisado, em tudo eu tenho razão, teus secretários são uma pedra de tropeço, doutor promessa eu os conheço e deram fim a tua gestão*”. Segundo Flairclough (2001) a utilização das vozes verbais serve como indicadores ideológicos. Aqui o uso da voz verbal ativa serve para evidenciar o sujeito da oração, que nesse caso é representado pelo autor do jingle que faz a voz do eleitor, pois o mesmo intitulou o jingle como “*Desabafo do eleitor*”, apresentando-se como o que tem motivos e razão para realizar as críticas, chamando os secretários do gestor e candidato Leomar Maia de “*pedra de tropeço*” essa expressão é utilizada para classificar algo ou alguém como obstáculo que conduz a queda, nesse contexto é usado para rotular os secretários municipais de empecilho para execução de uma boa gestão da administração pública. A titularidade de doutor é utilizada para criticar o candidato intitulando como o que faz promessa.

A terceira estrofe: “*Aonde vai seu doutor com tanta pressa, cuidado! Isso te estressa é o conselho que eu te dou, tá aperreado pra fazer tudo bonito, agora é tarde meu amigo o povo já te rejeitou*”. Essa estrofe é utilizada para ironizar o gestor e candidato Leomar Maia, a expressão “*tanta pressa*” seria a correria para realizar obras e cumprir promessas para a chegada do período eleitoral.

A quarta estrofe: “*Como é que pode seu prefeito me responda, seu mal feito é da conta do mais nobre cidadão. Sua comitiva é uma corda de arreio, de promessas eu tô cheio e Lauro ganha a eleição*”. Conforme Flairclough os discursos carregam consigo ideologias que se articulam nas relações de poder e muitos participantes do discurso reproduzem inconscientemente valores ideológicos influenciados por ideais transmitidos à sociedade, discursos investidos ideologicamente.

“Talvez seja útil uma distinção entre o exercício do poder por meio de vários tipos de *coerção*, incluindo a violência física, e o exercício do *consentimento*, ou pelo menos aquiescência, ao poder. As relações de poder

dependem de ambos os tipos, embora em proporções variáveis. A ideologia é o meio principal de fabricação do consentimento” (FAIRCLOUGH, 2013, p. 289 grifos do autor).

O discurso tem o poder de influenciar nas crenças e valores da sociedade, tem o poder de fazer crer e descrever, seja por meio de forças sociais que geram o convencimento. Nessa estrofe segue as acusações ao gestor e candidato Leomar Maia. “*Sua comitiva é uma corda de arreio*” Segundo o autor do jingle a corda de arreio é a corda que segura a vaca para retirada do leite, fazendo alusão que essas pessoas aparecem apenas na hora da retirada do leite, ou seja, na hora de se beneficiar. As acusações aqui são utilizadas como forma de enaltecer o candidato Lauro Maia e estimular a população para sua possível vitória.

A quinta estrofe: “*Cadê doutor o ginásio poli esportivo, conquistas para o atletismo, salas pra jogos de salão, já garantiu trazer de volta a juventude o Catolé Esporte Clube e foi outra enganação*”. Essa estrofe mostra a interdiscursividade do jingle por meio de elementos da historicidade. Segundo Fairclough (2001, p.114) assevera que: “Uma perspectiva intertextual acentua a historicidade dos textos.” O discurso do jingle trazendo ao cenário atual acontecimentos do passado, fatos históricos e sociais na tentativa de abalar a imagem do candidato Leomar Maia.

A sexta estrofe: “*Isso virou foi uma grande marmelada elaborar uma papelada e não querer negociar, ninguém é besta pra votar em tú de novo, cadê o banco do povo? seu doutor onde é que tá?*”. Essa estrofe mostra novamente a interdiscursividade do jingle. Fairclough (2001, p.115) afirma que: “A intertextualidade toma os textos historicamente transformando o passado- convenções existentes e textos prévios- no presente”. Esse fragmento faz referência a acontecimentos do passado remetendo ao presente. A “*papelada*” que é citada, são promessas de campanha colocada em livretos dos projetos de gestão. A expressão “*cadê o banco do povo?*” Segundo o autor do jingle, o banco do povo era um banco para distribuição de sementes para os agricultores, uma das promessas de campanha.

A sétima estrofe: “*O matadouro seu doutor causa vergonha, a imundice é tamanha, dá tristeza comentar. A Tudo a ver, outro dia publicou e a Paraíba comentou a seboseira que tem lá*”. Nessa estrofe mais uma vez vemos a interdiscursividade por meio da exposição de fatos sociais. “*A tudo a ver*” segundo evidencia o autor do jingle era uma revista publicada por um Catoleense que reside em João Pessoa, essa revista publicou o descaso com o abate de animais no matadouro público de Catolé do Rocha e causou repercussão no estado.

A oitava estrofe: “*Fabio Mariz foi entregue ao abandono e até eu tinha meus planos de construir e ali morar. Loteamento todo eletrificado infelizmente foi roubado e eu só posso*

é lamentar”. Esse fragmento do discurso mostra mais um fato histórico e social exposto por meio da interdiscursividade. Segundo afirma o autor do Jingle o loteamento Fabio Mariz era um terreno pertencente à família do Dr Fabio Mariz que foi desapropriado na gestão de José Otavio e as “doações” ficaram entre a gestão dele e a de Dr Leomar, como houve demora na tão sonhada entrega dos "terrenos" os cabos de alumínio da rede elétrica do local foram roubados.

A nona estrofe: *“E aqueles guardas que rondavam a cidade isso é página de saudade de Zé Sérgio e dos meus pais, mas o prefeito tem um guarda contratado e o povão foi castigado, Catolé não dorme em paz”*. Essa estrofe faz menção à antiga oligarquia de José Sérgio Maia relacionando a saudade. O uso da conjunção adversativa “mas” estabelecendo contradição entre as ideias vinculadas, mostrando que no tempo da antiga oligarquia a cidade tinha guardas e que nessa gestão apenas o prefeito tem um guarda. Nesse fragmento do jingle percebemos a estratégia para persuadir a sociedade. Conforme Citelli (2002, p.14) afirma que: “Quem persuade leva o outro a aceitação de uma ideia”. As expressões *“aqueles guardas que rondavam a cidade”* e *“Catolé não dorme em paz”* instiga a sociedade a acreditar que o trabalho para coletividade e a tranquilidade na cidade só existia no tempo da antiga oligarquia.

A décima estrofe: *“Cadê avenida que tú disse construir, era só Cassio assumir e tú está na direção e o incentivo pra cem pequenas empresas, mil empregos com certeza que daria pro povão, minha cidade vive agora o desengano foram demissões e danos feitos pelo tal gestor, sem fazer nada tá todo contraditório, diz que paga precatório do prefeito que passou”*. Essa estrofe do jingle faz alusão a algumas promessas feitas pelo gestor e candidato Leomar Maia, o autor do jingle evidencia que as promessas de campanha seriam cumpridas quando Cássio Cunha Lima assumisse o governo da Paraíba e mesmo assumindo as promessas não foram cumpridas. O jingle afirma que foram feitos *“demissões e danos”*, conforme evidencia Holanda (1995, p.144) “Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreender a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público.” O poderio desses senhores ultrapassavam a vida privada e seguiam para vida pública como extensão da vida doméstica.

A décima primeira estrofe: *“Aos meus amigos eu digo com alegria isso aqui que é poesia, pois tem letra e educação, sou jacaré, voto quinze e assim Lauro ganha bonitinho, doutor não se aperrei não, meu Catolé vota quinze e assim Lauro ganha bonitinho, doutor não se aperrei não”*. Nesse jingle vemos a intertextualidade entre o discurso do jingle 1 Ramada e do Jingle 2 Desabafo do eleitor. Segundo Flairclough (2001, p.114) relata que: “Intertextualidade é a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros

textos [...] o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”. Conforme constatamos o jingle 2 contraria e ironiza o Jingle 1, pois conforme estudamos na teoria da ACD as relações de poder existente no discurso, reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizada analisou os discursos contidos nos jingles eleitorais de candidatos a prefeito da cidade de Catolé do Rocha PB, no pleito do ano dois mil e quatro, por meio da Análise Crítica do discurso de linha inglesa. Primeiramente abordou-se as teorias da ACD proposta por Flairclough que trabalha com um método tridimensional de análise textual, da prática discursiva e a prática social que são elementos significativos do discurso, buscando verificar a relação dialética entre discurso e sociedade.

A partir desse embasamento teórico fora possível apresentar as contribuições do discurso para as relações sociais, para a construção de “identidades sociais”, “sujeitos sociais” e os tipos de “eu”. Estudamos as quatro categorias de análises textuais: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, compreendendo os marcadores ideológicos. Assim sendo, observou-se a organização dos textos, como são produzidos, as maneiras como o discurso é posto socialmente em circulação, se consumido de forma individual ou coletiva.

Em relação à análise da prática discursiva estudou-se sobre a intertextualidade que são textos que contém fragmentos de outros textos e a interdiscursividade que comprova a historicidade dos textos.

Na análise da prática social apresentou-se o discurso como prática social, nortado pela interpretação e compreendendo condições de contexto em que a prática discursiva ocorre. Fora possível compreender que o discurso como prática social posiciona os sujeitos de várias maneiras, reproduzindo valores e identidades ou posicionando o sujeito de forma particular segundo sua significação de mundo.

Nesse sentido, embasado pela ACD possibilitou-se compreender o estudo do uso linguístico nas transformações sociais, pensamento social e político como foco do nosso estudo. O discurso como prática política que é um local de luta pelo poder e um marco na luta pelo poder.

Nessa perspectiva, utilizou-se as considerações teóricas Althusserianas apresentadas por Flairclough a respeito da ideologia nas práticas das instituições, na constituição dos sujeitos como um dos efeitos ideológicos importantes no discurso, mostrando que aparelhos

ideológicos de estado como instituições de educação e mídia são locais e marco delimitadores da luta de classe, apontando os conflitos implícitos no discurso como base para uma análise de discurso orientada ideologicamente.

A partir dessas considerações apresentou-se a concepção Gramsciana de hegemonia citada por Flairclough mostrando o poder sobre a sociedade por intermédio de forças sociais que se articulam ideologicamente gerando o consentimento. Nesse sentido, demonstrou-se que prática política e ideológica caminham juntas e o discurso como prática política é um fator essencial na conquista de poder e que as relações de poder existente no discurso, reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes.

Ainda fora possível realizar uma síntese histórica da cidade de Catolé do Rocha e do grupo político liderado por membros da família Maia que governam a cidade a décadas, bem como, as alianças políticas e familiares para se manterem no poder. Uma família com alto poder aquisitivo e de grande influência social.

Por meio das pesquisas de Teruya observou-se os altos índices de casamentos endogâmicos na família Maia como aliança financeira e política. Por conseguinte, utilizou-se os estudos de Holanda para enfatizar que a família Maia seguia moldes de família de estilo patriarcal. Utilizando o aporte teórico de Holanda e Leal mencionou-se as honrarias políticas advindo da titularidade.

Além disso, apresentou-se que o jingle é um gênero discursivo musical produzido intencionalmente com intuito a persuasão, seja para conseguir apoios e votos para o candidato como para criticar e diminuir apoios e votos.

Fora possível observar que fatos históricos e sociais influenciaram na prática discursiva desses jingles e que os mesmos traziam ao cenário atual acontecimentos do passado, na tentativa de abalar a imagem do candidato opositor.

Portanto, concluímos que os jingles analisados não mostravam propostas ou projetos eleitorais, mas eram utilizados para criticar o candidato opositor com intuito de diminuir seus apoios e votos, como instrumento de persuasão com discursos ideológicos e lutas hegemônicas particulares, mostrando a luta para se manter no poder por membros da família Maia.

Desse modo, observou-se a partir das análises feitas a importância de abordar um tema social de interesse coletivo, esclarecendo como os sujeitos se posicionam na sociedade, bem como o impacto desses discursos na sociedade.

REFERÊNCIAS

- CERQUEIRA, Laerte. **Em Catolé do Rocha, primos disputam a prefeitura**, 2016
Disponível em:< <http://eleicoes.jornaldaparaiba.com.br/em-catole-do-rocha-primos-disputam-prefeitura/> > Acesso em: 23 fev.2017
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 15ªed. São Paulo: Ática, 2002.
- EVANGELISTA, Francisco. **A Catolé em que vivi Relatos e experiências políticas**.
Copyright, 20014.
- FLAIRCLOUGH, Norman; MAGALHÃES, Isabel (coord). **Discurso e Mudança social**.
Brasília: Universidade de Brasília, 2001,2008 (reimpressão) 320 p.
- FLAIRCLOUGH, Norman; OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudo do discurso: Perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. <
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250430&search=paraiba|catole-do-rocha> > Acesso em: 24 jan.2017
- JORNAL DA CAMARA, Maio / 96 **Católé do Rocha Histórico- 1935/1996**.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- LOURENÇO, Luiz Cláudio. **Jingles Políticos: estratégia, cultura e memória nas eleições brasileiras**. 2009. Disponível em:< <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/biblioteca/Luiz-Lourenco-Jingles-Policos-estrategia-cultura-e-memoria-nas-eleicoes-brasileiras.pdf> >.
Acesso em: 22 Agosto.2017
- MANHANELLI, Carlos. **Jingles Eleitorais e Marketing Político: Uma Dupla do Barulho**.
São Paulo: Summus,2011.
- MELO, Ana Lúcia Gomes de.et al. **Católé Do Rocha Em Muitas Lentes**. João Pessoa:
UFPB, 2013.
- REVISTA CATOLÉ DO ROCHA 169 ANOS. **Evolução Política**. Catolé do Rocha,2004.
- TER/PB Tribunal Regional Eleitoral Da Paraíba< <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes> >. Acesso em: 22 Fev.2017
- TERUYA, Marisa Tayra. **Família e poder na paraíba (Os Maia de Catolé do Rocha /PB- Um Estudo de caso sobre práticas Endogâmicas)** . Dissertação apresentada ao Mestrado de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, 1995.

TERUYA, Marisa Tayra. **Uma Trajetória Sertaneja. Um Século de Poder e Dispersão Familiar na Paraíba. 1870-1970.** Tese apresentada ao doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, 2002.

VERAS, Edivan. **70 anos de vida nesta quarta-feira. Dr. Leomar Maia completa** 2014. Disponível em: < <http://www.informenoticial.com/dr-leomar-maia-completa-70-anos-de-vida-nesta-quarta-feira/> > Acesso em: 24 jan.2017.

VITAL, Humberto. **Catolé do Rocha comemora nesta terça, centenário de nascimento do ex-prefeito José Sérgio Maia**, 2013 Disponível em:< <http://www.catolenews.com/noticias/catoledorocha/jose-sergio-uma-vida-de-lutas-a15076.html>> Acesso em: 24 jan.2017